

# OPINIÃO

## O projeto globalista de destruição das pequenas e médias empresas



Wagner Hertzog

Atualmente, não há dúvida nenhuma — ao menos para quem tem um grau mínimo de inteligência — que a atual ditadura do coronavírus foi projetada deliberadamente para fortalecer a titânica tirania da corporatocracia bancária do sistema financeiro internacional, com o apoio dos grandes conglomerados políticos, sustentados por metacapitalistas corporativistas que buscam soberania plena sobre o sistema, para controlar o mercado e o panorama político com mão de ferro. A fraudemia foi o catalisador perfeito para fazer uma espécie de “limpa” no mercado, com o claro objetivo de fortalecer todos os grandes conglomerados. Haja vista que, desde que a ditadura do coronavírus começou, a destruição sistemática das pequenas e médias empresas foi simplesmente implacável.

No Brasil, as medidas draconianas como quarentena e lockdown foram responsáveis pela falência de aproximadamente 700 mil empresas. Em compensação, os grandes conglomerados e as megacorporações tornaram-se ainda mais onipotentes. Bilionários no mundo inteiro tornaram-se excepcionalmente mais ricos do que já eram. Os bilionários brasileiros aumentaram suas fortunas em 50 bilhões, enquanto os bilionários americanos aumentaram suas fortunas em aproximadamente 434 bilhões. Longe de ser uma feliz coincidência, a ditadura do coronavírus — como todas as crises na história da humanidade — foi deliberadamente projetada para deixar os ricos ainda mais ricos e os pobres ainda mais pobres.

Infelizmente, as multidões continuam severamente entorpecidas pelo insano discurso político, abarrotado de mazelas e incongruências pseudocientíficas. De fato, a ditadura do coronavírus se sustenta — antes de tudo —, pelo pânico, pelo medo, pela ignorância e pela histeria generalizada inoculada nas multidões através da mídia globalista, e pelo uso da força de repressão do estado contra todos aqueles que são aguerridos e corajosos o suficiente para desafiar a tirania.

Com a destruição em escala industrial das pequenas e médias empresas, o colapso total da economia virá impreterivelmente, sendo apenas uma questão de tempo. Evidentemente, as autoridades políticas irão responsabilizar a “pandemia”, quando na verdade toda a desgraça foi causada por medidas totalitárias insanas, malignas e arbitrarias como quarentena e lockdown. Infelizmente, o populacho, em grande parte, é ignorante o suficiente para acreditar nas desculpas ignóbeis, oportunistas e maledicentes da iníqua e depravada classe dirigente.

Agora não é hora para covardia. Empresários, empreendedores e empregados devem se unir para manter os negócios que os sustentam, e colocá-los em atividade, mostrando que a fraudemia não passa de uma deplorável prerrogativa para se implantar uma ditadura mundial, assim desafiando a tirania do estado policial, que está mancomunado com os corporativistas e banqueiros do sistema financeiro internacional, para destruir todas as pequenas e médias empresas, bem como os negócios familiares, para que estes se tornem os soberanos onipotentes da atividade econômica, tendo passe livre para escravizar a humanidade de acordo com os seus planos totalitários, nefastos e diabólicos. A resistência deve ser pontual e inflexível. A ditadura do coronavírus é uma realidade, e o momento não é para os homens covardes.

## Resenha | Anne With an “E” - Um espetáculo para todas as idades!

- Por Mayara Santos.



Acima, pôster promocional da série Anne With an “E”. Disponível na Netflix.

Contante, autêntica e inspiradora. Seriam essas as palavras certas para definir uma série tão magnífica como “Anne With an E”? Como diria a pequena e encantadora menina dos cabelos cor de fogo: “Grandes palavras são necessárias para expressar grandes ideias”, portanto, há chances de que os três adjetivos escolhidos ao início possam ser insignificantes ao compararmos com a real graciosidade e grandiosidade do seriado.

Lançada em maio de 2017 na Netflix, a série de televisão canadense “Anne With an E” (ou “Anne com E”, em português) é inspirada no livro “Anne of Green Gables”, da autora Lucy Maud Montgomery (1908) e adaptada pela escritora e produtora vencedora do Emmy, Moira Walley-Beckett. De forma resumida, a história se passa na comunidade de Avonlea (na fazenda de Green Gables), localizada na província da Ilha do Príncipe Eduardo (no Canadá) e começa quando os irmãos Cuthbert, Marilla (interpretada por Geraldine James) e Matthew (interpretado por R.H. Thomson) decidem adotar um menino para ajudá-los com os afazeres do campo. No entanto, os irmãos são surpreendidos quando no lugar de um menino, chega uma garotinha órfã super falante, chamada Anne Shirley (interpretada por Amybeth McNulty). A ruivinha, além de ser uma menina bastante carismática e inteligente, possui uma imaginação bastante fértil e, através da sua simplicidade, conquista facilmente o coração do tímido e humilde, Matthew Cuthbert. Entretanto, a irmã mais velha, Marilla, com todas as suas ordens e regras, desaprova e despreza a chegada da garota, querendo mandá-la de volta para o orfanato imediatamente, demonstrando assim, uma crueldade que chocou muitos telespectadores. Felizmente, graças à persistência de Anne dizendo que poderia fazer qualquer coisa que um menino faria, os irmãos acabam lhe dando uma chance de permanecer em Green Gables, deixando a menina realizada por finalmente ter um lar e, sujeitando, previsivelmente, uma transformação na pacata vida dos Cuthbert e da pequena cidade de Avonlea para sempre.

Como a série se passa no início do século XX, o tema de abertura que é a música “Ahead by a Century” (ou “Você está um século à frente”, em português) interpretada e originalmente composta pela banda canadense, The Tragically Hip, se encaixa perfeitamente com a temática da série, uma vez que, só pelo título, já é possível associarmos a letra com os acontecimentos revolucionários do seriado. E por falar em acontecimentos revolucionários, a obra é repleta de aprendizados! Além de abordar temas seríssimos como o racismo, bullying, feminismo, sexualidade, escravidão e liberdade de imprensa (causas pelas quais vemos, geralmente, nossa querida Anne e seus amigos lutando para serem ouvidos) a história também ensina sobre compaixão e amor ao próximo. E com a dinâmica rural apresentada nos cenários, a fotografia mostra-se incrível, retratando as mais belas e gloriosas paisagens e, muitas vezes, entrando em contraste com a pressão redirecionada à moda para aquela época (já que os figurinos eram bem peculiares e com diversas restrições, principalmente para o caso das mulheres). Por último, mas não menos importante; a interação entre os atores! Simplesmente sensacional! Cada personagem da série tinha um dilema do qual precisava trabalhar para se desenvolver... Escolhas da vida que precisavam fazer. E todos os atores desempenharam muito bem os seus devidos papéis, de forma que, há quem diga,



Acima, uma das cenas mais marcantes de Anne With an “E”. Todo o processo da luta pelo direito de expressão é emocionante!

por exemplo, que Amybeth McNulty (atriz que fez a Anne na série), nasceu para o papel, pois demonstra toda a emoção e vontade em fazer a personagem. “Aproximadamente 1800 meninas em três continentes ensaiaram para o papel de Anne Shirley, mas Amybeth McNulty foi escolhida por sua capacidade de diálogo que é incrivelmente espessa, dinâmica e linda”, afirma Miranda de Pencier, uma das produtoras executivas da série. Além disso, a showrunner e roteirista Moira Walley-Beckett, a descreve como “luminosa, transparente, inteligente e com alma emocional”, passando-nos a ideia de que a atriz Amybeth McNulty era mais do que “a garota ideal” para interpretar o papel. No entanto, sem sombra de dúvidas, o elenco com um todo foi escolhido minuciosamente e todos os atores merecem destaque pela ótima interatividade nas telas! (principalmente diante de cenas tão polêmicas e tensas ao decorrer de alguns episódios).

Contudo, mesmo que atualmente a série tenha sido cancelada pela Netflix (em acordo com a CBC), Anne With an “E” jamais será esquecida por quem a assistiu. Apresentada de forma singela, a valorização das pequenas e mais simples coisas da vida, é o grande ponto de destaque da obra, já que, de forma motivacional, mostram-nos que a esperança, a bondade e a imaginação são pontos essenciais para passarmos por todas as adversidades da vida! Inclusive, não seria possível listar todas as vezes em que a série, com muita sensibilidade, trouxe uma reflexão pessoal sobre o comportamento das pessoas diante das diferenças e infortúnios do dia a dia. Logo, o seriado com um todo é uma lição de vida e um espetáculo para o público de todas as idades!

Por fim, deixo aqui o meu mais sincero: **Vale muito a pena assistir!** Mesmo tendo 3 temporadas, de 7 a 10 episódios (e com 44min - 1h28min de duração), a série não é “cansativa” e também não perdeu a qualidade nem na última temporada, chegando até mesmo a ser difícil de decidir qual temporada é a melhor. Assim como a crítica realizada pelos autores do site “5ª Quinta Capa”, também partilho da mesma opinião: “É uma das melhores séries para uma geração de pessoas que teimam em não lutar pela liberdade de expressão, pela inclusão e pela defesa dos direitos humanos. Anne With an “E” é essencial”. Portanto, se você estiver à procura de uma série tranquila, que possa até mesmo ser vista em família e que te deixe confortável ao ponto de aquecer o seu coração (apesar dos momentos de aflição em alguns episódios), Anne ficará muito feliz de vê-lo (a) em Green Gables!



E, por fim, uma cena da nossa pequena ruivinha sorrindo :)